

## Cultura Portuguesa, Cultura Brasileira

MARIA MANUELA AGUIAR

*Ex-Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas*

O Real Gabinete Português de Leitura, foi criado há 150 anos para promover a difusão da cultura portuguesa no Brasil, com o interesse que só o muito amor às terras de origem e acolhimento, poderia justificar. Desta comunhão de afeto viriam a resultar, aliás, frutos com novo sabor, temperado ao gosto do Brasil e de Portugal, frutos de que passaria a cuidar o Real Gabinete através de atividades de índole vária e da manutenção e enriquecimento duma das mais valiosas bibliotecas existentes no Brasil. Isto mesmo nos foi expressivamente transmitido por Ferreira de Castro, talvez o mais brasileiro de todos os escritores portugueses, ao deixar no “Livro de Visitantes” a seguinte mensagem: “É verdadeiramente impressionante, do ponto de vista cultural, a obra realizada pelo Real Gabinete Português de Leitura. Não é sem admiração que contemplamos estas centenas de milhar de livros, onde fulgura o génio luso-brasileiro”. Em contraponto, do mesmo livro se cita a mensagem de Gilberto Freyre, eminente sociólogo há pouco desaparecido do nosso convívio, Doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Coimbra, ele, sem dúvida, um dos mais portugueses de todos os escritores brasileiros: “Que casa mais portuguesa, com certeza, do que esta há já tantos anos a serviço da cultura em língua comum que une o Brasil a Portugal?”. Casa, sim, e monumento também. Casa, lugar de convívio para estar e trabalhar e monumento de ímpar grandiosidade, dedicado àqueles que deram ser e alma às nações irmãs. Uma das mais ricas bibliotecas, repositório e expressão da língua comum, no mais belo e impressionante enquadramento de um espaço aberto à evocação, como à reflexão inspiradora de novos projectos e iniciativas.

Esta especial referência, neste ano em que se comemora o sesquicentário do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, é homenagem

sincera e prestada com a alegria do saber certo de que nos caminhos do futuro se encontrará sempre o mesmo espírito de serviço à cultura portuguesa no Brasil, quer dizer à cultura luso-brasileira, caminhos traçados desde há largos anos – garantia bastante da obra fecunda a merecer o maior crédito e a fundamentar as mais legítimas esperanças.

Sabemos que é fácil encontrar sinais da cultura de Portugal no Brasil.

Saberemos porém, do mesmo modo, encontrar ecos desses sinais refletidos em Portugal, onde o Brasil deixou a sua marca no vai-vem das gentes, nos seus muitos sonhos, nos seus muitos feitos?

Por que teimamos em buscar só nos caminhos do “mar sem fim” a dimensão da alma lusitana, da qual o imenso Brasil, o povoamento da terra sem fronteiras precisas, dá porventura, a medida mais justa?

Como cada homem, cada nação tem o seu momento genesíaco e logo a sua vida, que é a sua aventura. Ora a nossa aventura foi matriz da brasilidade (e não apenas no momento singular da descoberta. . .). E, por isso, ainda hoje a especificidade do modo brasileiro de ser e viver, em nada afeta o que Vitorino Nemésio designava por “trama da conspiração afetiva” de brasileiros-portugueses e portugueses-brasileiros. Não o podemos ser todos nós? Não é este, afinal, o sentido e a singularidade da Convenção sobre a Igualdade de Direitos e Deveres entre Brasileiros e Portugueses, exemplo jurídico único de fraternidade real de dois povos que se confessam “fiéis aos altos valores históricos, morais, culturais, linguísticos e étnicos que os unem?”. Assim é. Bastará, porém, *ser assim*, sem que saiba sobre o outro Povo tanto quanto sabemos sobre nós?.

Cito ainda Nemésio: “O Português não traz a História do Brasil em dia, como o Brasileiro, em geral, pouco sabe da nossa”. Acompanho-o quando tenta compreender o caso dos brasileiros (que na sua generosidade decerto nos compreenderão também. . .) e quando sobretudo afirma que o caso de Portugal não tem desculpa, “pois que o Brasil é em larga parte o seu feito e quanto ao achamento e primeiras devassas, a sua obra capital”.

Consequentemente, embora com os seus escassos meios, tem vindo a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, de há anos a esta parte, a desenvolver ações múltiplas na área de divulgação da cultura portuguesa junto dessas comunidades emigradas, e a das comunidades no País, nomeadamente as relacionadas com a atividade editorial na medida em que, como se verá, enquadra alguns aspectos talvez ainda não analisados no seu conjunto, que se encontram em íntima relação com o tema destas linhas. Nem sequer se pretenderá ir longe na questão, a merecer, talvez, melhor e mais aprofundada consideração.

Seria oportuno, porventura, entre os trabalhos editados pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, citar os seguintes títulos:

“Portugueses na Bahia na segunda metade do século XIX – Emigração e Comércio”, de Tânia Penido Monteiro;

“A convivência do Centro Português de Maringá com a Comunidade do Norte do Paraná”, de Vanildo Rodrigues Pereira;

“Associações Portuguesas da Baixada Santista”, de Clotilde Paul;

“A História Exemplar de uma Família Cafeicultora de Origem Portuguesa”, de Vera Assumpção;

“Alocação Sócio-Profissional e Visão do Mundo: Portugueses Proprietários de Bares e Padarias na Região de Vila Mariana (São Paulo, Brasil)”, de Luis Edmundo de Arruda Campos;

“Comunidades Portuguesas – Fenômeno Associativo no Estado do Paraná”, de Lucy Schimiti;

“O Homem Minhoto (das origens à diáspora). História da Casa do Minho de Rio de Janeiro”, de José Pereira Torres;

“A História dos Meios de Comunicação Social em Língua Portuguesa no Brasil”, de Maria Edith Cásairo;

“Família Portuguesa e Família Brasileira”, de Alzira Lobo de Arruda Campos;

“Contributo para a História dos Portugueses no Brasil”, de Leonor Xavier.

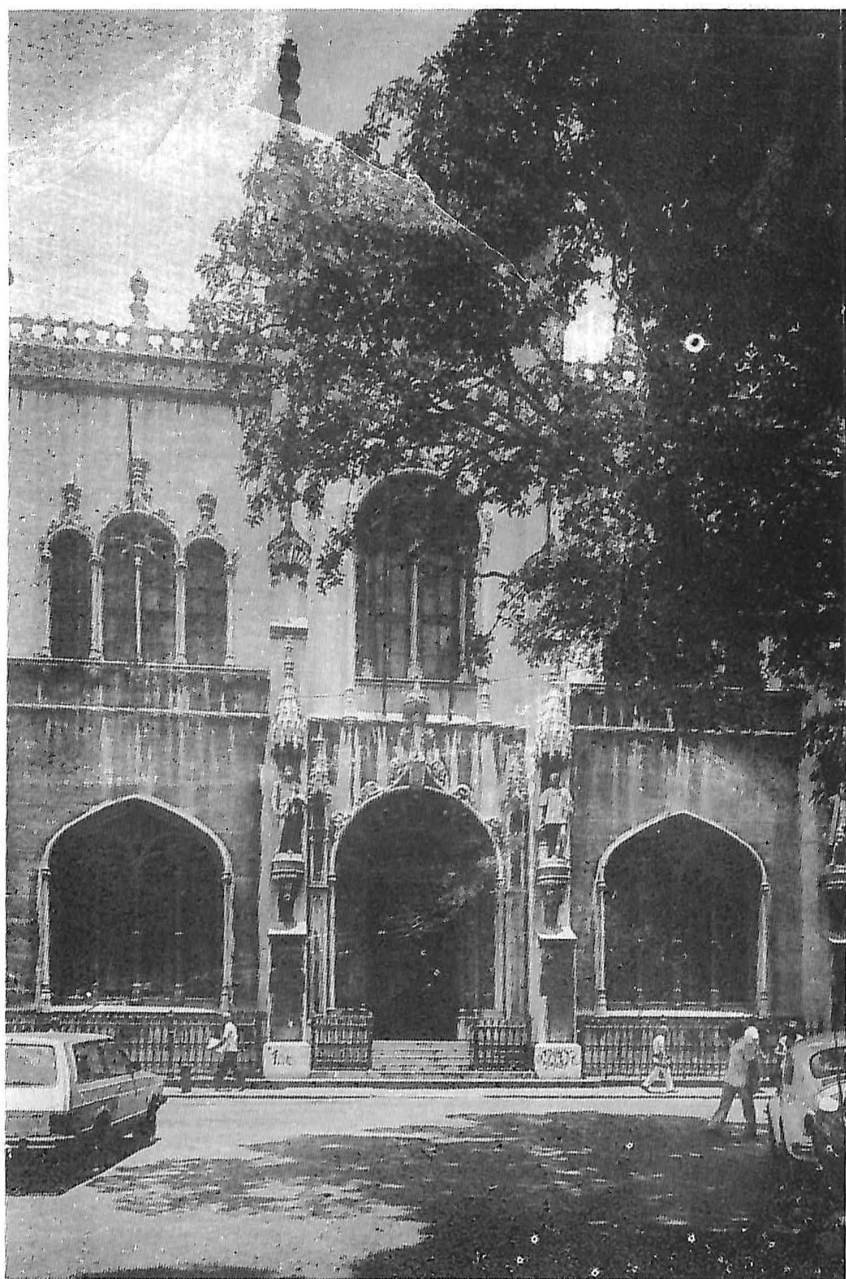
Refiro ainda a publicação de “Conferências. Discursos”; integrada nas comemorações do Dia da Comunidade Luso-Brasileira em Ponte de Lima, em 1986, com valiosos contributos de Salvato Trigo, Baeta Neves, Eugénio dos Santos, Norma Tasca, Salazar Braga, Maria de Lourdes Belchior, António Soares Amora e Embaixador Costa Silva.

Largas dezenas de luso-descendentes, têm vindo a apresentar, anualmente, trabalhos de mérito, através da sua participação em seminários promovidos pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, conjuntamente com várias Universidades. Todos estes trabalhos incidem sobre diversificados aspectos da cultura luso-brasileira, ou, talvez melhor, todos eles exprimem, a seu modo, um mesmo tipo de vivência, como testemunhos de uma tradição rica e humanamente enriquecedora.

No campo da pesquisa, bastará, assim o creio, uma única referência a um projeto tão ambicioso, quanto necessário, coordenado pelo Dr. Baeta Neves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro: “Por uma memória da migração portuguesa no Brasil”.

Pensamos que as palavras, embora possuam uma carga afetiva, exprimem uma realidade tangível e concreta. Talvez fiquem mesmo aquém do merecimento de fatos e situações. E ainda bem que assim é, pois importa exal-

tar os valores luso-brasileiros que abrangem um universo humano tão rico que está para além de quaisquer definições e se reporta a uma obra sempre inacabada.



*Real Gabinete Português de Leitura – “Fachada do Edifício-Sede”*